

No que concerne aos reflexos negativos da escravidão na formação de nossa sexualidade contemporânea, temos a destacar dois elementos fundamentais: a violência e a irresponsabilidade sexuais. Violência, a que os donos do poder estavam acostumados, de usar e abusar das fêmeas de cor a seu bel-prazer, fazendo do sexo não uma interação equilibrada de prazer, mas o exercício egoístico da dominação masculina, buscando-se tão-somente a satisfação do falocrata.

A outra característica negativa da sexualidade brasileira contemporânea que reflete nosso recente passado escravista é a irresponsabilidade: irresponsável era o senhor que, seguindo a crença popular, "fodia" uma negrinha doze, acreditando que o melhor remédio para curar a sífilis era "descaçar uma pretinha virgem"; prova de irresponsabilidade era a despreocupação dos donos do poder ao engravidar indistintamente a toda fêmea, espalhando filhos bastardos pelas senzalas e prostíbulos, sem assumir a paternidade. Tais atitudes negativas, reflexos da violência e irresponsabilidade inerentes ao escravismo, permanecem poderosas ainda em nossos dias, causando a infelicidade e até a morte de incontáveis vítimas de crimes sexuais.

Há males que vêm para bem, diz o brocardo popular, e no caso do regime servil, podemos pinçar alguns elementos que influenciaram positivamente nossa ideologia e prática sexuais modernas. Embora não concordemos totalmente que nosso país seja um exemplo de "democracia racial", não há como negar que as interações sexuais interculturais se deram no Brasil com muito maior frequência e com maior "cordialidade" (a expressão é de Sérgio Buarque de Holanda), do que nos demais países escravistas. Diferentemente de outras sociedades, nas quais os senhores manifestavam nojo e repulsa sexual vis-à-vis às fêmeas das "raças inferiores", entre nós desenvolveu-se um erotismo mestiço que fez da mulata hoje, e da negra "mina" no século XVIII, o modelo ideal de parceira sexual. Como dizia no século passado C. Expilly, no seu famoso *Costumes e Mulheres do Brasil* (Cia. Ed. Nacional, 1977), "aquele que sentiu duas vezes o cheiro acre, mas embriagador, da catina na negra, achará, desde então, muito desembaçado o cheiro que exala a pele da mulher branca..." Segundo esse autor, tratava-se tal enunciado de um "axioma português". Um segundo aspecto positivo, herança do escravismo, é a influência do que chamamos de matrizes periféricas de nossa sexualidade, na alforria dos brasileiros da rigidez do *Levítico* e do *Catecismo Romano*. Um informalismo mestiço e crioulo domina nossa cultura sexual, destacando-se o Brasil, no cenário mundial, pelo exibicionismo de nossas mulheres inventoras da devassa tanga, pela exportação de travestis que causam furor entre franceses e italianos, pela extravagância sensual de nossos desfiles de escola de samba. Não é por menos que nosso país ocupa o quarto lugar em casos de Aids no ranking mundial, com uma estimativa de mais de meio milhão de pessoas infectadas, 70% das quais por via sexual.

Outras obras de Luiz Mott, do Departamento de Antropologia da Universidade Federal da Bahia, relacionados ao tema deste artigo: *O Lesbianismo no Brasil* (Editora Mercado Aberto, 1987); *Dez Vidas em Questão* (Editora Bloff, 1987); *Escravidade, homossexualidade, Demologia* (Editora Icone, 1988). Endereço do autor para correspondência: Caixa Postal 2552 - 40622-260 - Salvador-BA.

## Sociologia

# Diversão ou trabalho? O futebol dentro da fábrica.

**"Difícilmente se imaginarão os emaciados habitantes das barracões de tecelagem freqüentando as quadras de tênis ou trampolim da piscina depois de um turno de dez horas diante das máquinas implacáveis; tanto as primeiras quanto a segunda eram, evidentemente, prerrogativas dos funcionários mais graduados."**

Fátima Martins Rodrigues Ferreira Antunes

Prefeitura do Município de São Paulo

Por volta de 1902, diretores do Banco União, fundado por Lacerda Franco em 1890, decidiram instalar uma fábrica de tecidos em Votorantim, então distrito de Sorocaba (SP). Para tanto, contrataram engenheiros e técnicos ingleses que, nas horas de folga, começaram a praticar o futebol, dando origem, assim, ao Votorantim Athletic Club (V).

A princípio, os moradores do distante bairro de Sorocaba acompanharam atentamente a movimentação em torno do desconhecido jogo, desde a demarcação do campo e do plantio da grama até as primeiras partidas. Logo os votorantimenses e os empregados da fábrica deixaram de ficar atrás dos "gols" apanhando as bolas que saíam do campo e, arriscando os primeiros chutes com os próprios ingleses, foram se integrando ao time.

Em 1903, sócios italianos do Votorantim Athletic Club formaram um segundo quadro de futebol, o Savóia Team, uma homenagem à terra natal. Com o tempo, o Savóia substituiu o Votorantim e passou a designar o clube dos empregados da Fábrica de Tecidos Votorantim.

Em 1917, o Banco União, do qual a fábrica de tecidos era o empreendimento mais importante, estava prestes a falir. Criado como banco emissor — prerrogativa da reforma financeira de 1890, cuja quebra ficou conhecida como "enchimento" —, o Banco União jamais recuperou o equilíbrio financeiro desde que o governo reservara para si o direito de emitir a moeda nacional. Foi nesse contexto que Antônio Pereira Ignácio, um próspero imigrante português dedicado ao comércio de algodão, arrendou a Fábrica Votorantim juntamente com o sócio Nicolau Scarpa. A soma envolvida na transação, contudo, não foi suficiente para melhorar a situação do Banco e, em 1918, decretou-se sua falência. Pereira Ignácio e seu sócio compraram a fábrica num leilão. Pouco tempo depois, Pereira Ignácio adquiriu a parte de Scarpa e se tornou o único proprietário da segunda maior fábrica de tecidos do Estado de São Paulo, suplantada apenas pelo Cottonificio

Crespi. Esta tecelagem, que chegou a ter cerca de 6.000 operários, foi a primeira fábrica do grupo Indústrias Votorantim S.A..

Warren Dean (1971:166) relata a existência de alguns benefícios aos empregados da fábrica, como creche, escola, assistência médica, igreja, habitação, água, luz e esgotos, restaurantes, cinema, piscina, quadras de tênis, campo de futebol. Segundo ele, muitos empresários paulistas se valiam desses benefícios como forma de suprir os baixos salários dos trabalhadores. Votorantim, porém, constituiu um caso à parte: era uma fábrica muito grande e estava distante da cidade mais próxima — Sorocaba. Em função disso, um elevado número de trabalhadores ficaria desprovido dos serviços urbanos — atenção à saúde, distribuição de alimentos, lazer etc. — caso a empresa não os subsidiasse. Daí o epíteto "pai dos pobres" que Dean afirma ter saído "espontaneamente dos lábios sinceros dos operários" para se referirem a Pereira Ignácio.

Dentre esses serviços, no entanto, poucos eram fornecidos gratuitamente. Creche, habitação, eletricidade e serviços médicos eram deduzidos mensalmente do salário dos trabalhadores. Esses serviços não eram fonte de prejuízo à Fábrica Votorantim; ao contrário, eles permitiam manter sua folha de pagamentos abaixo da média da indústria de tecidos paulista:

"A habitação custava de nove a doze mil-réis, descontados de um salário médio de 88 mil-réis mensais, a eletricidade mais dois mil-réis por lâmpada, e os serviços médicos se deduziam à razão de 2% do salário mensal. Os professores da escola eram pagos pelo Estado — a fábrica só fornecia o prédio — e o armazém da companhia era arrendado. Presume-se que o arrendatário não dirigisse o seu negócio com prejuízo, visto que a administração, de quando em quando, lhe inspecionava os preços apenas para certificar-se de que estes não excediam os da cidade." (Dean, 1971:166).

Quanto ao clube, todo o seu patrimônio pertencia à Votorantim. O cinema e a sede social eram contíguos à fábrica. O primeiro, dis-

pondo de uma ampla sala de exposições, sempre recebeu grande número de espectadores. No salão de festas eram organizados bailes de carnaval, festas juninas, espetáculos teatrais e até mesmo shows com artistas do rádio para os sócios e seus familiares, sempre muito concorridos.

O estádio e a praça de esportes situavam-se na principal via de acesso ao bairro. Ao contrário do cinema e dos bailes, é provável que a piscina e as quadras de tênis não estivessem ao alcance de todos os associados. Como bem lembra Dean (1971:167):

"Difícilmente se imaginarão os emaciados habitantes dos barracões de tecelagem freqüentando as quadras de tênis ou o trampolim da piscina depois de um turno de dez horas diante das máquinas implacáveis; tanto as primeiras quanto a segunda eram, evidentemente, prerrogativas dos funcionários mais graduados."

No campo desportivo, a única atividade realmente popular, que mobilizava centenas e mesmo milhares de pessoas, era o futebol. Porém, para a maioria delas, a participação se resumia à condição de torcedores, exceto nas ocasiões em que se organizava o campeonato interno entre as seções da fábrica.

Esses campeonatos ocorriam com certa freqüência. Eram organizados pela empresa, que também fornecia todo o material necessário à prática esportiva: uniformes, bola etc. A participação estava aberta aos trabalhadores que desejassem integrar as equipes de suas respectivas seções. Além de divertimento, os torneios internos também serviam como testes para a admissão de novos jogadores ao quadro do Savóia/Clube Atlético Votorantim. Mas, acima de tudo, eles representavam uma das poucas oportunidades de lazer para muitos trabalhadores, uma vez que, com o advento do profissionalismo, o futebol enquanto atividade física se tornou altamente seletivo e a grande massa dos trabalhadores foi excluída de sua prática:

"Sempre houve times internos. A estamperia tem time, a elétrica, a mecânica, fiação, tecelagem... Chamava-se campeonato

interno da fábrica. (...)

A Votorantim sempre fez campeonatos. Agora parou há uns anos. Mas sempre fez. Só para o pessoal que trabalha. Eu jogava no time do escritório. Era sempre o último! Entrava pra brincar, pra disputar. (...) A Votorantim comunicava o campeonato. As seções interessadas formavam seus times. Inclusive, a Votorantim sempre deu uniforme. Ela cedia tudo, uniforme, calções... Isto faz parte da própria fábrica. Porque... acho que o funcionário tem que jogar um pouco de bola... pra... não ficar só enterrado nas cartas, af... que... é uma coisa triste. O calor aí deve dar uns 40 graus. Então o cara tem que jogar bola pra brincar um pouco, né. (...) Aí tinha oito ou dez times: transportes, elétrica, mecânica, estamperia, tecelagem, fiação, expedição, tudo, tudo. Aí a fábrica fazia a relação, tudo certo, e fazia o campeonato... dentro do Atlético Votorantim, que o campo pertencia à fábrica. Chamava-se campeonato interno da Fábrica de Tecidos Votorantim. Era gostoso, brincavam... Acho que todos os operários da fábrica têm o direito de ter um... um lazer. No caso, era um lazer. Brincavam. O futebol sempre foi a vida da Votorantim." (S.B., ex-diretor do Clube Atlético Votorantim).

Desde seus primeiros anos, o "Savóia Team" esteve aberto somente a aqueles jogadores que demonstrassem boas qualidades táticas e técnicas. Era uma atividade séria, que incluía treinamentos específicos sob a orientação de um especialista. Seus integrantes eram escolhidos dentre os trabalhadores da fábrica de tecidos, aqueles considerados os melhores futebolistas.

Até a década de 30, praticamente não havia campeonatos oficiais no Interior do Estado de São Paulo e, na falta destes, o Savóia disputava partidas amistosas contra equipes de Sorocaba, como o Sorocabano, o São Bento e o Estrada de Ferro Sorocabano, clube dos ferroviários. Quando ficou mais conhecido, começou a jogar com outros clubes da região e até da Capital.

Em 1924, por ocasião da inauguração do seu estádio, o Savóia recebeu o Clube Atlético Pau-

listano, precursor do São Paulo F.C., uma das principais agremiações do futebol brasileiro na atualidade. O Paulistano se preparava para uma excursão à Europa e trazia entre seus jogadores o imbatível Arthur Friedenreich, um mulato alto de olhos verdes. Conta-se que o grande "Fried" teve um excelente desempenho, mas não o bastante para evitar o empate por 4 a 4. Contra o time visitante, o Savóia escalou Tilim, "um jogador tão bom quanto o Friedenreich, só que era um operário" (B.F., sócio e ex-encarregado do cinema do Clube Atlético Votorantim) e Paulo Pereira Ignácio, "um dos patrões" (idem).

O sucesso inicial do Savóia encorajou a manutenção de uma equipe mais competitiva. Suas vitórias empolgaram tanto os empregados da fábrica como os moradores do bairro de Votorantim e até mesmo gente de Sorocaba. Fotografias da década de 20 registram grande afluência de público aos jogos no então recém-inaugurado estádio do Savóia. Observam-se as arquibancadas e as áreas posteriores aos gols repletas de homens trajando terno, gravata, e chapéu. Como lembra um ex-diretor do clube, havia muitas pessoas de Sorocaba que não trabalhavam na fábrica, mas torciam pelo Savóia.

Em virtude de sua boa reputação, além do pessoal da indústria, o Savóia também admitia sócios externos, ou seja, pessoas que não mantinham vínculo empregatício com a Votorantim, mas queriam frequentar o clube. Assim, os sócios externos podiam participar das atividades sociais, como os bailes e o cinema, ir à piscina, assistir aos jogos do Savóia etc. Eles representavam cerca de 20% do quadro de associados daquela agremiação.

No início dos anos 40, o Savóia conseguiu registrar-se na Federação Paulista de Futebol (FPF) devido ao empenho de José Ermírio de Moraes, genro de Pereira Ignácio e, à época, diretor das Indústrias Votorantim. Esse registro lhe assegurava a participação no recém-organizado Campeonato Amador do Interior, que de amador preservava apenas o nome, pois, de fato, congregava equipes profissionais e semiprofissionais. Não sabemos quais interesses teriam movido o empresário, mas não se pode esquecer que a manutenção de um time de futebol representava um excelente veículo de promoção da indústria. A Companhia Progresso Industrial — Fábrica de Tecidos Bangu do Rio de Janeiro, por exemplo, chegou a levar o Bangu Atlético Clube, formado por seus operários, para excursão pela Europa, como forma de divulgar a produção nacional de tecidos (Guedes, 1977:125).

Também é possível que os dirigentes da Fábrica Votorantim considerassem a possibilidade de uma equipe profissional tornar-se auto-suficiente com a renda dos jogos, liberando, assim, a empresa de muitas obrigações para com o clube. E o Savóia, como vimos, tinha um público fiel.

Pouco depois de obtida a inscrição na FPF, o Savóia passou a se chamar Clube Atlético Votorantim (CAV). Com a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, em 1942, o Departamento de Polícia Federal obrigou entidades

criadas por italianos e alemães a alterar seu nome, quando este lembrasse o país de origem, a exemplo do que ocorreu com o Palestra Itália, hoje Sociedade Esportiva Palmeiras, e com o Sport Club Germânia, atual Esporte Clube Pinheiros.

A trajetória do CAV, contudo, não seria tão gloriosa quanto a do Savóia. A mudança de nome coincidiu com uma fase de transformações em que houve um incremento do profissionalismo, perdendo o clube as principais características do futebol amador.

Daf o saudosismo dos antigos sócios e a insistência em atribuir ao Savóia a responsabilidade pelos "tempos áureos" do futebol de Votorantim, época em que se jogava por "amor à camisa" (2), e ao CAV o período de decadência desse esporte, sustentado por aquilo que eles chamam de "amadorismo marrom":

"O pessoal gostava mais do Savóia do que do CAV, porque o Savóia era uma coisa bárbara, uma loucura. (...) Os times de São Paulo chegavam aqui e apanhavam mesmo. Não tinham dó. O Paulistano veio aqui e empatou por 4 a 4, com o Friedenreich e tudo. (...) O Savóia foi uma lenda até 44, 45, quando mudou o nome. O Atlético não foi a mesma coisa. Foi mais ou menos bem até meados da década de 60. Depois começou a cair, o São Bento começou a crescer em Sorocaba, né... foi amainando." (S.B.)

Na lembrança dos antigos sócios, as trajetórias do Savóia e do CAV estão em oposição, caracterizando, respectivamente, amadorismo e profissionalismo. Dessa forma, o Savóia é tido como o lugar onde se jogava "suando a camisa", por espírito de identidade e de solidariedade. Já o CAV ficou com a imagem de uma agremiação onde imperavam relações mercantis: a empresa pagava e os jogadores recebiam para jogar. Amor, diversão e lazer desinteressado se contraponiam a dinheiro, interesse financeiro, profissão.

Conta-se que, no período do mais puro amadorismo, os jogadores do Savóia praticamente "pagavam para jogar" (3), pois tinham que mandar fazer o próprio uniforme. Como não ganhavam nada e não dependiam do futebol para manter o emprego na fábrica, paravam de jogar quando julgassem conveniente. Em cada partida disputada, "davam o sangue" para defender e garantir a vitória do clube do coração. Assim, o Savóia foi criando fama e revelando jogadores para o futebol profissional:

"O futebol de Votorantim foi 'celeiro'. Forceceu os craques para os times, para os grandes clubes de São Paulo." (B.F.)

"A maioria começava a jogar aqui e depois ia jogar fora. Muitos jogadores daqui foram pra São Paulo. Muitos... Desse time do Savóia, muitos jogadores foram pro Palestra Itália, pro São Paulo..." (S.B.)

Aos poucos, o amadorismo foi ficando para trás. Na década de 30, a maioria dos jogadores do Savóia era trabalhadores da Fábrica Votorantim, mas também já havia elementos externos, contratados pela empresa exclusivamente para reforçar o time. Estes operários-jogadores gozavam de horários de trabalho mais flexíveis, a fim de que pudessem se dedicar aos treinamentos e jogos:

"Dos que jogavam, a maioria trabalhava na fábrica. A maioria, né. Eles trabalhavam mesmo. Eram contramestres, eram teceletes... Trabalhavam na fábrica. Não tinha amadorismo marrom na épo-

ca. Trabalhavam. Um era contramestre, o outro era ajudante, tecelete, fiandeiro... Em termos, né. Trabalhavam... meio tranqüilos. Eram profissionais, mas tinham liberdade para fazer os treinos noturnos. Podia sair da fábrica, sim. Tinha ordem, né, porque jogavam pelo time. O Savóia, na época, e, depois da Guerra, o Clube Atlético Votorantim." (S.B.)

"Trabalhavam mesmo. Quando se apresentou grande futebol, trabalhavam mesmo! Depois, quando passou a ser 'marrom' é que começou... a situação ficou 'preta' (risos) (...). Quando começou o profissionalismo em São Paulo, aí atingiu o Interior. Aqui foi um pouco depois, década de 40, mas atingiu. Começou nas grandes Capitais, depois passou para o Interior." (B.F.)

Embora a passagem do amadorismo ao profissionalismo tenha sido progressiva, o Savóia ficou caracterizado como equipe amadora e o CAV como grêmio totalmente profissional.

Por se tratar de um clube de fábrica vinculado ao Campeonato Amador do Interior, os jogadores do CAV tinham de ser empregados devidamente registrados da Fábrica Votorantim. A empresa, contudo, pagava salários aos jogadores para atuar apenas como futebolistas:

"A Votorantim ajudava o Atlético. Qualquer déficit, ela cobria. Agora, a Votorantim também pagava o jogador, porque era profissional, foi profissional. Agora não me lembro bem a década. Até sessenta e pouco, mais ou menos. Porque tinha um bom time, mas não era nem sombra do Savóia de antes. Não chegava nem na unha do Savóia (...). Alguns não, mas a maioria dos jogadores era funcionários. Eles podiam sair à vontade... Eles tinham um servicinho bem leve aí dentro, sabe? Era um semiprofissionalismo, mas em termos. Não 'marrom'. Um pouco mais, porque tinham salário e tudo. O 'marromzinho' existe em todo lugar. Eu sei que eles trabalhavam... Depois a Votorantim parou, a direção não quis mais. A Votorantim manda em tudo. (...) Tudo que a gente precisava fazer falava lá. Se dava déficit, a Votorantim sempre cobria. O futebol não tem

superávit. Em termos, não, porque tem renda... Já a parte social vive por si. Mas se tem alguma quebrinha, ela cobre e depois a gente paga." (S.B.)

Essas novas relações entre o clube e a fábrica se refletiam no campo de jogo. O jogador profissional, ainda que gostando do clube, procura não se expor muito nas jogadas. Uma contusão pode significar a perda do lugar no time e, em casos extremos, a perda do emprego e o encerramento da carreira. Na prática, jogar pelo CAV deixou de ser diversão e passou a ser trabalho. Para os antigos sócios, a partir desse momento, as partidas perderam em arrojado e garra. Um deles chegou inclusive a afirmar que, quando se passou a jogar por dinheiro, o futebol acabou. Ou seja, o profissionalismo teria matado o futebol competitivo, jogado por "amor ao clube".

Ainda segundo esse sócio, o principal motivo para o fechamento da equipe de futebol no início dos anos 60 foi as constantes reclamações dos trabalhadores com relação aos empregos fictícios dos jogadores. Estes não trabalhavam de fato: eram pagos apenas como futebolistas. As reclamações incomodavam a direção da empresa, levando-a a decidir pela dissolução da equipe de futebol.

Outro ex-diretor do Clube Atlético Votorantim apontou o crescimento da popularidade do São Bento de Sorocaba como o principal responsável pelo declínio do clube e pelo desinteresse de sua torcida:

"A direção da Votorantim não quer futebol. (...) O próprio gerente acha que não adianta. Ele diz que nunca mais quer saber de profissional. E (...) existe problema, sabe? E pararam. Mas se a Votorantim fosse firme, estaria hoje até na Primeira Divisão, tipo São José e Bragantino. Mas parou. (...) Também o povo deixou de se interessar, sabe? E depois, tinha o São Bento de Sorocaba. De Votorantim a Sorocaba, você vai em 10 minutos. Então o Atlético foi desgastando, foi desgastando, foi desgastando e parou de uma vez. (...) Time perto não dá certo." (S.B.)

Em que pese a concorrência com um clube profissional vizinho, no caso, o Esporte Clube São Ben-

to de Sorocaba, os insistentes protestos dos trabalhadores da fábrica parecem ter sido determinantes na decisão pelo encerramento do quadro de futebol do CAV. O destímulo da empresa pelo futebol acabou atingindo também as demais atividades do clube, que permaneceram paralisadas por mais de 10 anos. Somente em 1972, um grupo de sócios empreendeu a reestruturação do clube, um dos mais antigos do País, restringindo-o à promoção de bailes e shows.

**Notas**

- 1 — Homero Querido — "Votorantim resgata história de seu futebol, um dos mais antigos do Brasil". *Mais Cruzeiro*, Votorantim. Ano II, nº 119, 23/03/1986, pg. 1.
- 2 — Para Caldas (1990:228), "o amor à camisa é um mito". Trata-se de uma visão romântica e saudosista do futebol do passado, que valoriza aspectos positivos como vontade de vencer, espírito de luta e solidariedade e forte identificação com o clube, em detrimento de outros, como pagar e receber para jogar. No entanto, desde o início dos anos 20, muitos atletas já eram remunerados e reivindicavam esse direito, o que culminou no movimento a favor da profissionalização. Ainda hoje, concepções difundidas pelos defensores do amadorismo continuam interferindo na imagem do jogador de futebol. É comum cobrar-se dos atletas profissionais o "amor à camisa", bem como acusá-los de "mercenários" quando se mostram preocupados com o valor das gratificações e dos contratos com os clubes, ou quando tentam se poupar durante as partidas. Esquece-se que o futebol é seu trabalho.
- 3 — Cf. Homero Querido: Op. cit., pg. 1.

*Agradeço a atenção e a disponibilidade dos srts. Bemedito Souza, Francisco Branger e Jurandir Correia, sócios do Clube Atlético Votorantim.*

**Bibliografia**

- Caldas, Waldenyr (1990). *O Pontapé Inicial: Memória do Futebol Brasileiro (1894-1933)*. São Paulo, IBRASA, 1990.
- Dean, Warren (1971). *A Industrialização de São Paulo*. São Paulo, DIFEL, 1971.
- Guedes, Simoni Lahud (1977). *Futebol Brasileiro: Instituição Zero*. Rio de Janeiro, Museu Nacional, UFRJ. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, 1977.
- Querido, Homero M. — "Votorantim resgata história de seu futebol, um dos mais antigos do Brasil". *Mais Cruzeiro*, nº 119, 23/03/1986, ano II, pg. 1.

*Fátima Martin Rodrigues Ferreira Antunes. Mestre em Sociologia pela Universidade de São Paulo e socióloga da Prefeitura do Município de São Paulo. Endereço: Alameda Franca, 1.222 ap. 85 — CEP 01422-001 — São Paulo, SP.*

A assinatura é gratuita. Dirija o seu pedido ao

**DO Leitura**



Maracatu: presença da África no Carnaval do Recife.

Washington Luis: profeta da velha guarda.

**Imprensa Oficial do Estado S.A. IMESP**  
Rua da Mooca, 1921 - 03103-902 - São Paulo - SP  
(Somente serão atendidos os pedidos que vierem com o novo CEP)